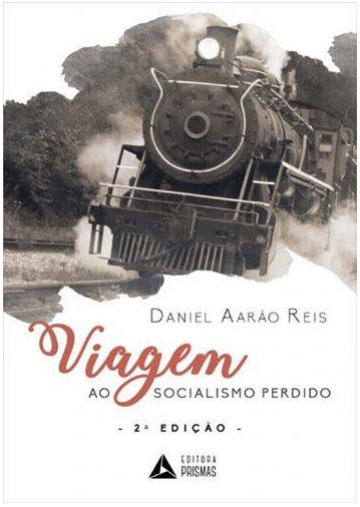
RESENHA
REIS, Daniel Aarão. **Viagem ao socialismo perdido.** Curitiba: Prismas, 2017.



Uma jornada pelos escombros de um sonho

FELIPE ALEXANDRE SILVA DE SOUZA*

Daniel Aarão Reis, professor de história contemporânea na Universidade Federal Fluminense, vem se destacado nos últimos anos, em âmbito nacional, por seu amplo e bem fundamentado trabalho de pesquisa historiográfica sobre a Revolução Russa e o socialismo soviético. Em 2017 — centenário da Revolução —, Reis publicou uma segunda edição, pela Editora Prismas, de seu livro *Viagem ao socialismo perdido* (publicado originalmente em 1993 pela Relume Dumará sob o título *De volta à Estação Finlândia: crônica de uma viagem ao socialismo perdido*).

Trata-se de um trabalho diferente do restante da produção do autor, por não se tratar de uma pesquisa historiográfica e por fugir do estilo textual típico dos meios acadêmicos. O que o professor oferece aqui é uma crônica de uma longa viagem que empreendeu, em 1992, pelo território do recém-desmoronado bloco socialista. Partindo de Paris por trem, Daniel e sua companheira Diêda visitaram, na Europa, Berlim (então reunificada há apenas dois anos); Cracóvia e Varsóvia, na Polônia; Vilnus, capital lituana; e São Petersburgo e Moscou, as duas capitais da recém-extinta URSS. Em seguida, embarcaram na mitológica Via Transiberiana e atravessaram a Sibéria para chegar à República Popular da China, explorando então Pequim, Xian, Xangai, Guilin e Cantão. Depois de três meses circulando, o casal voltou a Paris por via aérea desde Hong Kong (então sob controle britânico).

A viagem se deu na esteira do fim do bloco socialista, resultante de uma longa combinação de crises socioeconômicas e políticas. Sinais de deterioração se tornavam evidentes na União Soviética desde meados da década de 1970, durante o governo de Leonid Brejnev (1964-1982), marcando o fim da estabilidade característica de época de Nikita Kruschev. A estagnação econômica foi acompanhada pela queda nos níveis de vida da população, pela precarização das redes de previdência e seguridade social e pela crescente desvantagem tecnológica em relação aos países de ponta do capitalismo. Assumindo a liderança em 1985, Mikhail Gorbachev tentou recuperar o socialismo por intermédio de projetos de reforma política (*Glasnost*) e econômica (*Perestroika*). No entanto, ao contrário do planejado, seu governo assistiu à debacle do socialismo real, iniciada com a queda do Muro de Berlim em novembro de 1989, passando pelo fim das chamadas "democracias populares" do Leste Europeu (com destaque para a violenta execução do ditador romeno

Nicolae Ceauşescu) e culminando finalmente no anúncio oficial da dissolução da URSS no Natal de 1991. Redes televisivas do mundo inteiro transmitiram a arriação da rubra bandeira soviética no topo do Kremlin e o hasteamento do estandarte tricolor pré-revolucionário, marcando o fim da mais impactante experiência socialista do século XX.

Também na China Popular os desgastes começaram a se evidenciar na década de 1970. Depois das mortes de Mao Zedong e Zhou Enlai em 1976, o governo de Deng Xiaoping (1978-1989) concatenou reformas visando à abertura parcial da economia ao mercado global. Estabeleceram-se na região meridional do país as Zonas Econômicas Especiais (ZEEs), onde os investidores capitalistas internacionais teriam acesso à força de trabalho chinesa, barata e disciplinada, e também à infraestrutura bancada pelo governo. No decorrer dos anos 1980, enquanto a economia crescia a passos largos, continuavam latentes os desejos populares por democracia e transparência. Não à toa, grandes manifestações tomavam corpo em 1989, geralmente lideradas por organizações estudantis, reivindicando abertura política e mitigação da corrupção. É notória a brutal reação do governo, resultando no massacre de centenas de manifestantes na Praça da Paz Celestial (Tian'ammen). Nas décadas seguintes, diz Aarão Reis no novo posfácio do livro,

> [...] o país viveria [...] sob rigorosa ditadura política, embora aqui e ali, atenuando-se e permitindo debates que não questionassem essencialmente a Ordem. No comando da sociedade, o Partido Comunista Chinês continua falando de um "socialismo com características chinesas". O marxismo, redefinido pelas concepções de Mao Zedong e Deng Xiaoping, devidamente "sinaizado", permanece como ideologia oficial de um Estado que se guia, porém, e cada vez mais, pelos interesses nacionais. Assim, o socialismo chinês, produto de uma revolução nacional e agrária, parece mais do que nunca subsumido pelo nacionalismo e pela perspectiva de um Estado Nacional. E o consenso visível, prevalecente em amplas camadas da sociedade, parece muito mais informado pelo sucesso econômico e pelo progresso material que, embora desigualmente, alcança a todos, do que por valores associados à construção de uma sociedade socialista. (REIS, 2017, pp.242/243).

Uma viagem pela Rússia e pela China pouco tempo depois do fim da URSS e do Massacre da Praça da Paz Celestial não foi feita, portanto, apenas para satisfazer curiosidades turísticas e culturais, ainda mais quando levamos em conta a trajetória pessoal do autor. Daniel Aarão é conhecido por sua militância de esquerda. Participou do grupo guerrilheiro que sequestrou o embaixador estadunidense Charles Elbrick em 1969; à época, defendia a superação do capitalismo e o estabelecimento de uma sociedade sem classes por intermédio da revolução armada. Suas andanças pelos escombros do mundo socialista assumem também um aspecto de balanço e avaliação da trágica derrota de um sonho pessoal, compartilhado com as inúmeras pessoas que lutavam por uma sociedade verdadeiramente emancipada, em que a pobreza fosse extinta e em que todos os homens pudessem de fato buscar a felicidade e desenvolver plenamente suas potencialidades.

Embora Daniel, não deixando de lado o ofício do historiador, nos ofereça, ao longo da viagem, pequenas sínteses de episódios da luta socialista do século XX (a conturbada chegada de Lenin à Estação Finlândia, o fracasso do cruzador Aurora

em bombardear o Palácio de Inverno quando da tomada de poder bolchevique, a fundação do Partido Comunista da China em Xangai, durante o verão de 1921, a vitória dos exércitos de Mao em 1949), essas pequenas narrativas são colaterais e servem para dar maior estofo ao verdadeiro forte do livro: o testemunho da luta de russos e chineses comuns pela sobrevivência, obrigados a enfrentar não apenas os resquícios dos descaminhos autoritários do socialismo, mas também as agruras impostas pelas reformas neoliberalizantes que então se alastravam principalmente pela Federação Russa. Os indicativos dos ecos da falta de liberdades individuais são vários: desde os chineses que, em conversas informais com nossos viajantes, sempre se tornavam evasivos quando eram mencionados assuntos relacionados ao governo; até a história de Natasha, uma jovem estudante de São Petersburgo que praticamente não conhecia nada fora de sua cidade, porque os soviéticos precisavam de todos os tipos de autorizações oficiais para circular dentro do país.

Muito mais escancarado foi o sofrimento que a destruição dos serviços públicos e de seguridade social, causados pelas privatizações desenfreadas, causou no povo russo. Se na China, por conta de uma abertura mais controlada para o mercado, Aarão Reis não encontrou pobreza generalizada — embora seja chocante o relato da visita de um bairro de habitações precárias localizado não muito longe de uma das mais pulsantes avenidas de Xangai —, na Rússia a viagem foi marcada por todos os lados por desempregados e ex-funcionários públicos que recorriam a toda sorte de pequenos trambiques e mesquinharias para sobreviver, enquanto os cidadãos sortudos o bastante para terem salários viam seus rendimentos definharem vertiginosamente. Provavelmente a passagem mais chocante do livro seja a descrição do exército de senhoras idosas — as *babushkas* —, prostradas nas estações de metrô de Moscou, tentando vender os mais variados objetos (pequenas mobílias, enfeites, pedaços de salame), praticamente imóveis, abatidas demais até para suplicar.

O que temos, felizmente, não é um testemunho laudatório da vitória do capitalismo sobre a URSS e sua lenta penetração na China. Ao mesmo tempo em que expõe e critica a perda do conteúdo emancipador das experiências soviética e chinesa, a crônica de Aarão Reis jamais coloca as relações de mercado como panaceia, distanciando-se da maioria das avaliações sobre essa questão feitas no início dos anos 1990. No novo posfácio do livro, Daniel reitera a necessidade das lutas emancipatórias, que devem, segundo ele, reintegrar as ideias de socialismo e democracia. Por isso mesmo, seu testemunho do socialismo perdido é ao mesmo tempo sombrio e movido pela esperança de um mundo melhor. Afinal, como diz o final do livro, o Bezerro de Ouro triunfou... por enquanto.

Recebido em 2018-05-13
Publicado 2018-07-06

* **FELIPE ALEXANDRE SILVA DE SOUZA** é doutorando em História pela Universidade Federal Fluminense (UFF).